

Marcas da Guerra Civil de Espanha na imprensa e na poesia portuguesas

Marks of the Spanish Civil War in the portuguese press and poetry

NUNO JÚDICE*

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Civil, Garcia Lorca, Imprensa, Poesia.

KEYWORDS: Civil War, Garcia Lorca, Press, Poetry.

Falar da guerra civil de Espanha é voltar a um recalcado da nossa História recente que só há poucos anos começou a ser revisitado a partir de alguns episódios que foram exceções quanto ao tratamento desumano dos refugiados republicanos, muitas vezes devolvidos aos seus perseguidores com o conhecimento do destino que iriam ter: fuzilados na sua maior parte. O caso mais relevante foi o do poeta Miguel Hernández que, depois de se ter refugiado em Portugal, foi entregue às autoridades franquistas, tendo sido poupado à morte por ordem de Franco, que não queria ver repetido o escândalo internacional provocado pela execução de Garcia Lorca, mas que iria morrer de tuberculose na prisão já depois de a guerra ter terminado.

Não será muito fácil, hoje, ter consciência de qual poderia ser a opinião dominante naquele tempo em Portugal acerca do que se passava em Espanha. Não havia o que hoje se chama opinião pública e a Imprensa estava submetida a uma censura prévia que impedia que uma opinião favorável aos republicanos se manifestasse. Apesar disso, a guerra ocupava largas páginas da nossa Imprensa, e o público leitor podia acompanhar o que se passava nas diversas frentes, transmitido por correspondentes que iam acompanhando os movimentos militares. Note-se, no entanto, que esses correspondentes estavam sobretudo do lado franquista, e embora alguns conseguissem fazer passar notícias dos massacres que se davam de um e outro lado dos campos, como foi o caso de Mário Neves com os bárbaros fuzilamentos de Badajoz, o que transparece do

* Universidade Nova de Lisboa (FCSH).

modo como se vai dando a evolução da imprensa é uma simpatia pelo lado franquista. Esta atitude era, naquele contexto de Ditadura, normal tanto do ponto de vista ideológico como devido à dificuldade em manifestar abertamente um apoio à causa republicana. Em grande parte, esse condicionamento da informação vinha do facto de esses correspondentes serem «manipulados» pelos insurrectos, dado que acompanhavam a acção a partir de Sevilha ou de locais já dominados por eles.

Seria necessário, como é óbvio, um extenso trabalho de leitura comparada dos jornais portugueses; o meu objectivo será apenas o de seguir o que se passou nos primeiros meses da guerra a partir da morte de Garcia Lorca, sobretudo no que ia saindo no *Diário de Lisboa*, jornal que, na altura, seria o mais «liberal», ou seja, ainda influenciado por uma Oposição que se limitava aos que pretendiam o regresso da República com partidos e eleições livres, muito embora, nesse ano de 1936, estivéssemos bem longe do tempo em que começou a haver uma Oposição organizada e, sobretudo, dirigida por um Partido Comunista forte, o que só irá suceder após o termo da Segunda Guerra Mundial.

Foi precisamente o *Diário de Lisboa* o jornal em que Mário Neves colaborava, tendo sido ele a publicar as reportagens da conquista de Badajoz pelo exército de Franco e consequente repressão. O que se verifica, desde os primeiros meses da guerra, é que a República não é olhada como causa susceptível de vencer, e isto apesar da resistência que as forças republicanas vão oferecendo às investidas franquistas. Logo na primeira grande ofensiva contra Madrid, a cidade é apresentada como podendo cair a qualquer momento, e também na descrição do cerco do Alcazar de Toledo há uma ostensiva animosidade contra os republicanos, sendo a sua derrota apresentada como algo de inevitável, e isto logo em 1936. Também a presença de portugueses no conflito é referida de uma forma desfavorável à República, dando-se destaque ao fuzilamento de portugueses em Madrid por parte dos republicanos, sem qualquer garantia de que esta informação estivesse correcta, tanto mais que não havia correspondentes do lado republicano.

Ao longo dos primeiros meses de notícias da guerra, o *Diário de Lisboa* não publica textos de opinião assinados por qualquer nome do mundo intelectual relativamente ao conflito, e são escassas ou nulas as referências ao que escritores ou intelectuais estrangeiros escrevem a favor ou contra Franco. E é sintomático, entrando no tema do assassinato de Federico Garcia Lorca, o que é referido acerca da sua morte. Fuzilado por ordem do general Queipo de Llano em agosto de 1936, junto a Granada onde procurara refúgio junto da família, só quase um mês depois, em 16 de setembro, a notícia é dada:

Confirma-se o fuzilamento do poeta Garcia Lorca

BARCELONA, 16 – Confirma-se que o poeta Frederico (sic) Garcia Lorca foi fuzilado no dia 16 de agosto. Devido a uma denúncia foi encontrado na residência dum comerciante, onde se tinha escondido. – (Havas)

E segue-se uma nota da redacção:

Frederico [sic] Garcia Lorca era actualmente o mais representativo dos poetas modernos. O seu «Romancero Gitano» somou o maior número de edições em obras poéticas, e «Cante Jondo» obteve igualmente um grande êxito de venda, e de crítica. No teatro também Garcia Lorca conseguiu triunfos magníficos, como o de «Yerma», peça representada por Margarita Xirgu no teatro Espanhol, e agora na América do Sul. Como o poeta Rafael Alberti, e o dramaturgo Alfredo Casona, autor de «Nuestra Natacha», e, ao que parece, também já fuzilado, Garcia Lorca enfileirava nas hostes esquerdistas, ainda que ultimamente se lhe notasse certa evolução, expressa na colaboração que passara a dar à revista «Cruz y Raya».

Para lá da confusão com o nome de Alejandro Casona, trocado por Alfredo, este não foi fuzilado, tendo sobrevivido à guerra; mas a referência errada ao seu fuzilamento vem dar um toque de banalidade ao que deveria ser uma notícia de relevância excepcional, como é a execução de um escritor com o relevo de Lorca, justamente referido na sumária nota biográfica; e também esse crime quase encontra uma atenuante quando se refere o seu «esquerdismo», embora a indicação de uma «certa evolução» possa transmitir a ideia de que estaria em vias de aderir à ideologia do franquismo, de que a revista *Cruz e Raya* seria uma manifestação quando, na realidade, esta revista, dirigida por José Bergamin, se orientava no sentido do catolicismo progressista, tendo terminado a sua publicação precisamente em 1936.

Talvez para contrapor a esta notícia tão negativa para o lado dos insurrectos, o *Diário de Lisboa* publica uma semana depois, em 23 de Setembro, o relato do «assassinio do glorioso dramaturgo espanhol Jacinto Benavente, pelos «vermelhos» que estão «senhores de Madrid». A neutralidade e a economia com que o fuzilamento de Lorca fora dado são aqui substituídas por uma soma de pormenores, para além de classificar como «vermelhos» os republicanos que, à luz da legalidade democrática, constituíam de facto o poder legítimo em Espanha. E prossegue o jornalista:

Como se trata duma figura de prestígio universal, com o prémio Nobel, o Governo de Madrid recebeu reclamações enérgicas de várias Academias

Internacionais pedindo que se fizesse um inquérito para apurar a verdade. Ante isto, o Governo de Largo Caballero viu-se obrigado a publicar no jornal «Agora» uma fantástica informação acerca da forma como morreu o famoso escritor, na qual parece que será apoiada a resposta oficial a dar às referidas Academias. Diz a citada informação que Benavente não foi assassinado e que encontrou a morte ao atravessar a rua na qual se estava travando violento combate entre marxistas e fascistas, sendo então atingido por vários tiros. «El Norte de Castilla», publicando este telegrama, diz que a versão não foi aceita por ninguém e produziu geral indignação em todos os centros culturais europeus, incluso nos franceses.

Só é verdade em tudo isto a «Fantástica informação» com que foi redigida a notícia, devida ao facto de Jacinto Benavente só ter morrido em 1954. No entanto, não houve qualquer desmentido do seu pretenso fuzilamento pelos «vermelhos», tal como a morte de Lorca não suscitou mais nenhum comentário a partir da telegráfica informação publicada no dia 16. Inesperadamente para quem não tenha tido outra informação até ao dia da vitória de Franco, é publicada uma entrevista de Artur Portela com o dramaturgo, pretensamente fuzilado pela nossa imprensa, em Málaga, de onde os republicanos tinham acabado de retirar. Benavente, que fora simpatizante da União Soviética de 1933 até aos primeiros tempos da guerra, vem agora queixar-se de ter sido utilizado pelos republicanos. «Diziam-me favorável aos vermelhos», declara, e recrimina os que se serviram «abusivamente» do seu nome e do nome do poeta Antonio Machado, que morrera no exílio de Collioure, em França, no início de 1939, colocando as suas assinaturas numa declaração de protesto contra o bombardeamento de Almeria.

A entrada dos franquistas em Madrid é descrita, logo no dia 1 de abril de 1939, por Artur Portela e Rogério Pérez como uma festa:

Na «Plaza del Callao», o cinema «Palacio de la Musica», com decorações do português Almada Negreiros, tem a fachada destruída pela metralha. Surpreende não haver cartazes nem dísticos revolucionários. Parece ter havido a preocupação de limpar a cidade – antes da entrada das tropas de Franco. O teatro Garcia Llorca (sic) – com o nome dum poeta que a «Falange» reivindica como seu e que foi imolado em circunstâncias misteriosas, anuncia ainda o vaudeville «Pide por esa boca!». Hoje as mulheres são mais lindas! Há elegância, casacos de peles, e, sobretudo, lindas bocas pintadas e pálpebras azuladas.

As referidas «circunstâncias misteriosas» são, assim, uma forma de esconder a realidade do seu fuzilamento por um grupo de extremistas locais, com a

aprovação de Queipo de Llano, e a tentativa de apropriação do seu nome pelo novo poder falangista, embora não se saiba se esta não se deva sobretudo à enviesada interpretação do jornalista, mais do que à procura de desculpabilização por parte daqueles que o assassinaram.

Será, no entanto, no período posterior à Guerra Civil que encontramos um reflexo mais dramático na nossa classe literária da tragédia que representou essa morte do poeta. A publicação em 1946, na Coimbra Editora, de uma antologia feita e traduzida por Eugénio de Andrade, com um belo poema de Miguel Torga, em que o «pobre poeta da montanha», em preito a «Garcia Lorca, irmão», vem «trazer torgas à rosa de Granada», com um prefácio de André Crabbée Rocha, representa uma significativa homenagem a Lorca, apesar das reservas que a prefaciadora coloca à plena maturação do génio lorquiano, tanto nos poemas mais modernistas, como o *Poeta em Nova Iorque*, como no teatro, exceptuando *Yerma*; mas saúda muito favoravelmente a inspiração andaluza e granadina de *Cante Jondo* e do *Romancero gitano*. E talvez se deva a esta antologia o lugar que Lorca passou a ter na nossa imprensa literária, de que destaco *O Mundo literário*, publicado a partir de 1946. Logo no n.º 2 (18 de maio de 1946), Jorge de Sena, em «Alguma poesia e outras considerações desagradáveis», refere o «garcialorquismo minhoto de Homem de Melo» (p. 6). Não é propriamente uma expressão positiva dado que, se o fosse, não estaria em consonância com o título, mas faz a constatação de que a poesia de Lorca já encontrara seguidores em Portugal, e tanto Pedro Homem de Mello como Eugénio de Andrade serão, talvez, os mais lorquianos pela música e pela solaridade das suas poéticas.

E é no número 14 de *O Mundo literário*, de 10 de agosto, que surge uma recensão à antologia de Lorca, feita por Joel Serrão. É uma crítica feita com profundidade e que, embora discordando de alguns aspectos da selecção de Eugénio de Andrade e de algumas opções de tradução que, para Serrão, desvirtuam o original, nos dá testemunho da importância que Lorca tinha no meio português:

A antologia não só vai ao encontro da sede legítima de Lorca, evidenciada pelos portugueses, que esgotam rapidamente todas as edições argentinas ou espanholas do admirável poeta do *Romancero Gitano*, de vez em quando aparecidas nas montras das livrarias, como revela, uma vez mais, o preito de admiração dos poetas portugueses pela obra poética daquele que caiu varado pelas balas no caminho de Cordoba [sic].

E cita os nomes de António de Navarro, Tomaz Kim, Joaquim Namorado, como alguns dos que «dedicaram à sua vida e à sua obra belos poemas». Também agradece a Andrée Crabbée Rocha o estudo que lhe dedica de onde, segundo esclarece, Lorca não sai diminuído, mas sim «...com a devida estatura, com a sua, e não com aquela que nós lhe emprestavamos, sem nenhum direito, sem nenhuma razão inteiramente plausível.» Isto é, o que Joel Serrão sugere é que Lorca era admirado já como figura mítica, devido ao seu estatuto de mártir do fascismo, sem que se atendesse ao chamado «valor» da sua poesia, que devia ser apreciado sobretudo ao nível literário, como Crabbée Rocha fizera no seu estudo.

Já muito mais tarde, no número de 1 de maio de 1948, Luiz Francisco Rebello, na secção de teatro, em artigo ilustrado pela fotografia de um quadro com o rosto de Lorca, destaca na temporada desse ano *A Casa de Bernarda Alba*, representada no Teatro Nacional D. Maria II. Chamando «genial» a essa peça, diz que «representa, sem dúvida, o mais arrebatador sopro de autêntica poesia dramática que, de há muito, atravessou os nossos palcos. Porque é autêntica poesia dramática aquela que o poeta vai beber na mais lídima de todas as fontes – o seu povo, com as suas dores e as suas alegrias. A «Casa de Bernarda Alba» foi, assim, o único elemento positivo que a presente temporada nos ofereceu – o único sinal do caminho a seguir pelo teatro de amanhã.»

E depois de destacar, em nota, as qualidades reveladas no seu elenco por Maria Barroso, «uma das nossas mais jovens e talentosas actrizes», lamenta o fracasso de público:

[...] o público burguês que acorre às conferências do sr. André Maurois – autorizado representante do espírito da civilização ocidental, ao que parece –, o público burguês que dispõe dos quarenta escudos necessários para, entre nós, se ir ao teatro, não podia aderir ao mundo levantado por Garcia Lorca a partir das dimensões concretas do povo anónimo que luta, trabalha, ama e sofre.

O que se depreende desta crítica de Luiz Francisco Rebello é a reivindicação do teatro popular de Lorca pelo neo-realismo que já ganhara o estatuto de movimento literário dominante desde a publicação dos dez livros do *Novo Cancioneiro*, entre 1941 e 1944, sendo um dos seus tópicos (quando a Censura permitia) a referência à guerra de Espanha e ao fuzilamento de Lorca, a que se juntou a denúncia do bombardeamento de Guernica para que o quadro de Picasso chamara a atenção universal. Lorca torna-se, portanto, um ícone do escritor que é vítima dos seus ideais. No livro de 1941 *Aviso à Navegação*,

da colecção *Novo Cancioneiro*, posteriormente integrado em *Incomodidade* (1945), Joaquim Namorado publica o *Romance de Federico* que, com a epígrafe de Antonio Machado «El crimen fué en Granada, en su Granada!», celebra a memória de Lorca:

Correi ventos de Espanha!
Chamai vozes de Espanha!
Mirad olhos de Espanha!
– Aonde está Federico?

Chorai corações de Espanha!»

– No acampamento cigano
uma virgem desmaiou:
romance de «pena negra»
a feiticeira agoirou.
Romance da «pena negra»,
romance da negra sorte,
com uma bala na fronte
e outra no coração
morto para sempre ficou...
(No veludo dos estojos,
as cordas das guitarras estalaram
com um ai grave e profundo...)
as mãos estendidas, sem raiva,
os olhos cheios de terra,
morto ficou.

Chorai corações de Espanha!...

Com os olhos cheios de terra,
sob o céu de *su* Granada,
morto ficou...

Cavalos negros da noite
encobriram as estrelas.
De Cadiz até Navarra,

De Badajoz ao Levante. (excerto)

De outra área estética, que encontraria nos *Cadernos de Poesia* de que Jorge de Sena foi uma das personalidades centrais, o seu porta-voz, Tomaz Kim, dedica a Lorca um outro poema notável, no livro *Os Quatro Cavaleiros* (1943). Em «Nocturno para o poeta», o tom elegíaco sobrepõe-se ao lamento épico de Namorado:

Quão deserta é a estrada por entre oliveiras
que tristeza a cobriu, Federico Garcia,
numa noite de lua-cheia!

Ai, Federico Garcia,
que nos deixaste, sozinhos,
numa noite de lua-cheia...

O poema prossegue no cenário da Andaluzia, e também com uma referência a Córdoba, tal como a encontramos também no texto de Joel Serrão, para situar a morte do poeta, o que não corresponde à realidade, mas talvez se deva à impossibilidade de ter informações concretas sobre as circunstâncias exactas do seu fuzilamento junto à cidade de Granada, e não de Córdoba (como Joel Serrão refere, o que se deverá à falta de informações objectivas sobre o crime), sendo, ainda hoje, o local onde se encontra o corpo indeterminado, apesar de buscas recentes, a que a família se opõe, que não tiveram grande êxito.

Embora o desencadear da Segunda Guerra Mundial tenha afastado a Espanha dos noticiários, e Franco tenha sido tolerado no poder pela Inglaterra devido à sua relativa neutralidade, a figura e a obra de Lorca mantiveram-se como o sinal que impediu o esquecimento acerca do que se passara em Espanha de 1936 a 1939. Jorge de Sena tinha razão ao falar do «garcialorquismo de Homem de Melo»; e noutra área ideológica, isto é, no grupo neo-realista, essa influência também está presente em Manuel da Fonseca, um outro dos grandes poetas do neo-realismo. Mas a guerra de Espanha marcou outros poetas, e também teve um lugar em poetas do regime, embora quase todos de inferior qualidade, dado ser uma poesia apologetica do nacionalismo de Franco. De entre eles, poderei referir a «Vitória de Espanha» de Tomaz Vieira da Cruz, publicado em Luanda em 1939, escrito por um poeta que fez de Angola a sua pátria literária, tendo utilizado o quimbundo na sua poesia. O último poema desse livro é emblemático do fanatismo que envolveu uma geração que se alistou do lado de Franco:

Do calvário da raça da vitória
tal-qual o Sol rasgando a tempestade,
um grito se levanta, em plena glória,
cheio de luz, de sonho e de verdade!

Vai a passar, cantando, a mocidade,
Requetés, Viriatos... E a história
novas iluminuras de saudade
aceita em suas páginas de glória.

Vão a passar os mortos destemidos,
e ninguém acredita que os vencidos
fossem capazes duma acção tamanha!

Silêncio... Agora e sempre, ajoelhai! ~
Mártir e santa, lá vai Ela, vai,
vai a passar a gloriosa Espanha!

Celebrando os portugueses que se haviam alistado nas tropas insurrectas, que incluíam os batalhões carlistas dos Requetés e as unidades designadas por Viriatos, o poema não está à altura da fase posterior deste poeta, mas revela a paixão que, de um e outro lado, a guerra suscitou entre nós. O que será, porém, o grande poema da nossa imagem de Espanha, com alguma ambiguidade quanto à sua militância num ou noutro lado, mas que será mais admissível identificar com a República, foi «A que morreu às portas de Madrid» escrito por um poeta que viveu em Moçambique, Reinaldo Ferreira:

A que morreu às portas de Madrid,
Com urna praga na boca
E a espingarda na mão,
Teve a sorte que quis,
Teve o fim que escolheu.
Nunca, passiva e aterrada, ela rezou.
E antes de flor, foi, como tantas, pomo.
Ninguém a virgindade lhe roubou
Depois de um saque – antes a deu
A quem lha desejou,
Na lama dum reduto,

Sem náusea mas sem cio,
Sob a manta comum,
A pretexto do frio.
Não quis na retaguarda aligeirar,
Entre «champagne», aos generais senis,
As horas de lazer.
Não quis, activa e boa, tricotar
Agasalhos pueris,
No sossego dum lar.
Não sonhou minorar,
Num heroísmo branco,
De bicho de hospital,
A aflição dos aflitos.

Uma noite, às portas de Madrid,
Com uma praga na boca
E a espingarda na mão,
À hora tal, atacou e morreu.

Teve a sorte que quis.
Teve o fim que escolheu.

É este um capítulo da nossa política e da nossa cultura que merece um mais amplo destaque, sobretudo nesta época em que a Espanha se tenta libertar desses fantasmas que ensombram a sua história mas que, devido à proximidade, continuam a suscitar polémica.

TÍTULO: Marcas da Guerra Civil de Espanha na imprensa e na poesia portuguesas

RESUMO: A partir de uma leitura da imprensa portuguesa no início da guerra de Espanha é possível ver a ambiguidade das posições dos jornais, reflectindo o ponto de vista dos insurrectos franquistas. A morte de García Lorca é objecto igualmente de uma dissimulação dos culpados, também aqui revelando a falsa neutralidade jornalística a que só a poesia, a favor ou contra Franco, dará uma visão comprometida.

TITLE: Marks of the Spanish Civil War in the portuguese press and poetry

ABSTRACT: From a reading of the Portuguese press at the beginning of the Spanish war, it is possible to see the ambiguity of the newspapers' positions, reflecting the point of view of the Franco insurgents. The death of García Lorca is also the subject of concealment of the guilty, revealing the false journalistic neutrality to which only poetry, for or against Franco, will give a committed view.